

Justin Taylor, sm
François Drouilly, sm

Subindo a Fourvière

Comemorando o bicentenário
da Promessa Marista

1816-2016



2015|2016
Fourvière

A PROMESSA DE FOURVIÈRE



Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Tudo para a maior glória de Deus, e para a honra de Maria, Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo!

Nós, abaixo assinados, queremos trabalhar para a maior glória de Deus e de Maria, mãe de nosso Senhor Jesus Cristo, afirmamos que temos a sincera intenção e a firme vontade de nos consagrar, logo que surgir oportunidade, à instituição da piedosíssima Congregação dos Maristas. Eis porque, pelo presente ato, que leva nossas assinaturas, dedicamo-nos irrevogavelmente, nós e tudo o que temos, tanto quanto possível, à Sociedade da Bem-aventurada Virgem Maria.

Este compromisso nós o assumimos, não levemente como crianças, nem por razões humanas ou por algum interesse temporal, mas com toda a sinceridade, após o termo refletido seriamente, tomado conselho e pesado tudo diante de Deus, unicamente para a glória de Deus e honra de Maria, mãe de nosso Senhor Jesus Cristo.

Para atingirmos este objetivo, dispomo-nos a assumir quaisquer contrariedades, trabalhos, sofrimentos e, se preciso, todos os tormentos; tudo podendo naquele que nos dá forças, nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, por isso mesmo, prometemos fidelidade, no seio de nossa Mãe, a santa Igreja Católica e Romana; unindo-nos com todas as nossas energias, ao chefe santíssimo desta mesma Igreja, o romano pontífice, e também ao nosso reverendíssimo bispo, para, deste modo, sermos bons ministros de Jesus Cristo, nutridos pelas palavras da fé e da sã doutrina que recebemos por sua graça; confiamos que, sob o governo pacífico e religioso de nosso rei cristianíssimo, esta maravilhosa instituição será fundada.

Prometemos solenemente nos doar, nós e tudo que temos, para salvarmos as almas por todos os meios, sob o nome augustíssimo de Virgem Maria e sob seus auspícios. Respeitamos, entretanto, em tudo, o parecer dos superiores.

“Louvada seja a santa e imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria!

Assim seja!”

HISTÓRIA

Justin Taylor, sm

Lyon, França, 23 de julho de 1816. De manhã bem cedo, doze jovens subiam os 800 degraus que levam ao antigo santuário mariano de Fourvière, no topo da colina que domina a cidade. Cinco deles tinham sido ordenados sacerdotes no dia anterior. Os demais não haviam terminado seus estudos para o sacerdócio. Durante os meses anteriores, tinham formado um grupo e assumido um compromisso. Agora, estavam prestes a se separarem. Porém, antes de fazê-lo, queriam selar sua promessa, diante da venerada imagem de Nossa Senhora de Fourvière.

1. O caminho até Fourvière

Sua história começa no Seminário Maior, da Arquidiocese de Lyon, que leva o nome de um de seus primeiros bispos, Santo Irineu. Em uma quarta-feira, durante o ano escolar de 1814-1815, um seminarista chamado Étienne Déclas estava cortando o cabelo de um companheiro estudante chamado João Cláudio Courveille, na casa de férias do seminário, nos arredores da cidade, onde todos costumavam ir durante os dias de descanso. No refeitório, estavam lendo a vida de São Francisco Régis (1597-1640), o grande missionário jesuíta que reevangelizara as regiões do centro-sul da França. Courveille, oriundo daquela região, confidenciou a Déclas que, uma vez ordenado sacerdote, imitaria São Francisco Régis e iria ajudar os pobres do campo, que precisavam mais de sacerdotes do que as grandes cidades. “Iremos a pé, com simplicidade, comeremos a mesma comida que os camponeses. Viveremos do pão e do sal da gente do campo. Nós os educaremos e escutaremos suas confissões”. Perguntou então a Déclas se queria fazer o mesmo, e Déclas respondeu: “*Sim*”.

Não disse mais nada, mas de vez em quando, durante o resto do ano, no seminário, Courveille costumava dizer a Déclas: “Vamos fazer como São Francisco Régis?” E ficava nisso. Então, pouco antes de todos partirem para as férias de verão, Courveille aproximou-se e disse: “Sabe, isso que temos conversado durante o ano. Haverá uma congregação que fará mais ou menos o mesmo que os jesuítas, só que seus membros se denominarão Maristas, em vez de Jesuítas”. Os dois seminaristas prometeram trocar correspondência durante as férias, e cumpriram a palavra.

Esse foi um período fértil para a Igreja na França. Courveille, Déclas e seus companheiros haviam nascido pouco antes ou durante a Revolução Francesa, iniciada em 1789. No período

em que eram seminaristas, Napoleão governava a França e grande parte da Europa. No entanto, desde 1813, seu império começara a desmoronar. Foi por fim derrotado na batalha de Waterloo, no dia 18 de junho de 1815. A França teve outra vez um rei legítimo, Luis XVIII, irmão de Luis XVI, que havia sido executado (muitos diriam ‘martirizado’). Apesar, ou em razão das dificuldades e perseguições, a Igreja na Europa experimentava novo vigor e criatividade. Isso se expressava na fundação de congregações religiosas e num renovado espírito missionário que se dedicava em parte a recuperar aqueles que se tornaram hostis ou indiferentes ao cristianismo.

Um momento central foi o restabelecimento da Companhia de Jesus, pelo Papa Pio VII no dia 7 de agosto de 1814. Outras sociedades também reviveram, especialmente os Sulpicianos e os Vicentinos. Houve igualmente novas fundações na França, muitas das quais já haviam começado extraordinariamente: a Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria (Coudrin, 1800); a Sociedade das Missões da França (Rauzan, 1815); os Oblatos de Maria Imaculada (Mazenod, 1816); as Filhas de Maria (Chaminade, 1816). Logo em seguida ocorreu a reativação das ordens mais antigas: os Beneditinos (Guéranger, em Solesmes, 1836) e os Dominicanos (Lacordaire, 1840).

Um campo óbvio de recrutamento, para as congregações restabelecidas ou novas, era um seminário como o Santo Irineu, em Lyon. Durante o ano escolar de 1814-1815, o Vigário geral da diocese, Claude-Marie Bochard, distribuiu entre os seminaristas um manifesto com o título “*Pieuse Pensée*” (“Piedoso Pensamento”) procurando candidatos entre os seminaristas para seu projeto de uma Sociedade da Cruz de Jesus. Bochard conhecia as pessoas e sabia como apelar à sua generosidade e aspirações juvenis. Também sabia excluir habilmente possíveis competidores. Esboçava o estado lamentável da religião, na França. Deus certamente queria suscitar homens que respondessem às necessidades dos tempos, como tinha feito em todas as épocas, desde os Apóstolos, com homens como Santo Inácio, quando Lutero apareceu em cena, ou São Vicente de Paulo, após as Guerras de Religião na França. Isso, porém, era passado. O que aconteceria a partir de então? Afinal, não haveria salvação para a raça humana em “nossos tempos com tanta corrupção, tanta perversidade, tanta perdição?” Bochard se dirigia a cada seminarista individualmente (Oh, meu irmão). Se o Senhor o escolhesse naquele momento para fazer seu trabalho, como responderia? Se o anjo de Deus batesse à sua porta, deveria seguir o exemplo da “Rainha dos Santos” e responder com humildade e obediência. Ele assim poderia unir suas forças àquelas de “tantos irmãos fervorosos os quais o zelo pela casa de Deus já consumia em favor dessa grande obra”. Bochard mostrava a ‘colheita’ oferecida: pregações, retiros, missões, direção espiritual, seminários, colégios, escolas – o suficiente para comprometer o zelo de todos os corações, de todo tipo de espíritos e talentos.

Ele considerava a possibilidade de uma ‘associação’ de sacerdotes zelosos para realizar todos esses trabalhos e a confrontava com as ordens religiosas que eram, segundo ele, inadequadas para as necessidades daqueles tempos.

O manifesto de Bochart dá uma ideia do clima espiritual que prevalecia no Seminário Maior de Lyon quando Courveille começou a falar com Déclas sobre seus planos para uma Sociedade de Maria, como contrapartida à Companhia de Jesus. Após as férias, no início do ano escolar 1815-1816, ambos começaram a recrutar candidatos entre seus companheiros seminaristas. Courveille falou com Marcelino Champagnat. Déclas falou com Étienne Terraillon e João Cláudio Colin. Terraillon recordou quando Déclas disse, citando Courveille: “Em toda parte onde Jesus tem altares, Maria também terá seu pequeno altar, ao lado. Jesus tem sua Sociedade; convém, pois, que Maria também tenha a sua...”. Eles se sentiram “fortemente impressionados” por essas palavras e “ficaram estupefatos”. Ao final, uns quinze ou dezesseis seminaristas estavam pelo menos interessados no projeto.

João Cláudio Colin já tinha sua própria ‘ideia’ de uma Sociedade, que até então ele guardara para si. Deve ter reconhecido suficiente similaridade entre esta e a Sociedade de Maria para a qual recrutava João Cláudio Courveille. De qualquer modo, decidiu que a melhor maneira de realizar seu próprio projeto seria a de unir forças com Courveille. Como diria mais tarde com notável perspicácia, acerca de sua própria pessoa: “Eu nunca teria tido a coragem de divulgar essa idéia por aí. E mais tarde, quando a coisa ficou conhecida, fui capaz de envolver-me com ela sem parecer ser o seu criador”. Ao mesmo tempo, sua adesão à Sociedade de Maria não representou para ele o abandono de seu próprio projeto, mas a união deste com o de Courveille.

O grupo encontrou um protetor em Jean Cholleton, professor de teologia moral no seminário. Costumavam reunir-se em seu quarto, o de nº34, no terceiro andar. Na casa de campo, reuniam-se no quarto de Cholleton ou, quando o tempo o permitia, no jardim, sob as árvores. A tradição local ainda associa os bosques e especialmente uma amoreira, capaz de abrigar cerca de cem pessoas, não somente com o início do projeto marista, mas com muitas outras reflexões e ardentes discussões dos seminaristas.

Mais tarde Courveille lembraria que falavam, sempre que possível, sobre a Sociedade de Maria. Terraillon também recordaria as reuniões dos primeiros recrutados. Eles se “inflamavam-se mutuamente” com a alegria de se entregarem ao “sucesso de uma obra tão bonita”. Dois temas tornavam com frequência em suas conversas: a sorte de serem os “primeiros filhos de Maria” e “a grande necessidade das pessoas”. Também discutiam sobre o

modo pelo qual, como filhos de Maria, se propunham satisfazer essa necessidade. De vez em quando Courveille falava para eles sobre a “necessidade de imitar Maria, sobretudo em sua indescritível humildade”. Resolveram desde o princípio não divulgar seu projeto, mas de se dedicarem seriamente a obter os meios para realizá-lo. Cada um examinaria as pessoas que pareciam adequadas para ser membros. Entretanto, antes de falar com os possíveis candidatos, o conjunto do grupo ponderava sobre eles.

João Cláudio Colin não foi o único recruta que entrou na Sociedade de Maria com seu próprio projeto. Um outro foi Marcelino Champagnat. Aparentemente, este já havia pensado em organizar um grupo de Irmãos para catequizar e educar as crianças das áreas rurais, tal como acontecera com ele, e por isso estava muito consciente de suas necessidades educacionais e religiosas.

Como Colin, ele nada havia feito até então, em torno de seu projeto. Contrariamente a Colin, ele falava abertamente, no grupo, sobre seu projeto e insistia que os irmãos educadores deveriam integrar a Sociedade de Maria. A resposta de Champagnat ao convite para se unir à Sociedade foi: “Sempre me senti atraído para a fundação dos Irmãos. Com prazer me uno a vocês e, se concordarem, eu me responsabilizarei por essa parte”. Segundo o Ir. João Batista, primeiro biógrafo de Champagnat, entre os Pequenos Irmãos de Maria, ele (Champagnat) dizia com frequência ao grupo de Santo Irineu: “*Precisamos de irmãos, precisamos de irmãos, para ensinar o catecismo, ajudar os missionários e atuar nas escolas*”. E o grupo respondia: “Pois não, encarregue-se dos Irmãos, visto que você teve essa ideia.”

A introdução do ramo dos Irmãos representava importante novidade. Até então, o modelo histórico para a Sociedade de Maria havia sido a Companhia de Jesus. Entretanto, o modelo para uma sociedade de Irmãos educadores não eram, evidentemente, os Jesuítas, mas os Irmãos das Escolas Cristãs, fundados na França por São João Batista de La Salle (1651-1719).

Há outros indícios de que o modelo jesuíta não era o único para os Maristas. Na década de 1830, a Sociedade de Maria se apresentava a si mesma, nos documentos oficiais, composta de vários ramos – religiosos, religiosas e ordens terceiras – reunidos sob um mesmo Superior geral. Essa composição complexa não era, entretanto, o simples resultado de uma evolução histórica realizada pouco a pouco. Ao contrário, dizia-se que era uma característica do projeto original desde sua criação, reportando-se, portanto, às discussões dos seminaristas, em Santo Irineu. Este esquema em três partes recorda as grandes ordens medievais, como os franciscanos e os dominicanos, que reuniam frades comprometidos em atividades apostólicas, Irmãs contemplativas e os leigos comprometidos.

Tudo isso constituía um plano para um Instituto cuja forma global estava calcada sobre as “grandes ordens”, mas com o ramo de sacerdotes calcado sobre os jesuítas, enquanto o ramo dos Irmãos educadores deveria tomar como modelo os Irmãos das Escolas Cristãs de La Salle. Qual seria o modelo específico para um eventual ramo de Irmãs, ou para uma confraria leiga ou uma ordem terceira? Tal complexidade seria inaceitável para Roma.

Falar de ‘ramos’ não implica necessariamente ter em mente a imagem de uma árvore. Mas, para Colin, essa imagem era viva e eficaz. Em 1838, ele disse durante uma refeição: “A *Sociedade se apresentou a alguém* (e estas palavras ele disse com ênfase, reverência e mistério) *como um tronco com três ramos*”. Colin retomava amiúde a imagem da árvore com três ramos. De fato, essas palavras misteriosas, frequentemente expressas com embaraço, eram próprias da forma como se referia às origens da Sociedade. Seria Colin, por acaso, aquele a quem a Sociedade se apresentara sob essa imagem e a quem essas palavras proféticas foram dirigidas? Não há certeza disso. De qualquer modo, as origens da Sociedade de Maria foram acompanhadas por muitas “revelações e profecias”.

Qual era a fonte de inspiração própria de Courveille? No dia 18 de julho de 1851, João Cláudio Courveille, que desde 1836 era monge beneditino em Solesmes, escreveu o seguinte ao padre marista Gabriel-Claude Mayet:

“A primeira inspiração da Sociedade de Maria ou dos Maristas ocorreu na catedral de Puy, ao pé do altar principal onde está a imagem milagrosa da divina Maria, no dia 15 de agosto de 1812, e isso aconteceu várias vezes até 1814.”

As perguntas suplementares de Mayet suscitaram um relato mais completo em fevereiro de 1852. Aos dez anos de idade, João Cláudio Courveille, que nascera não muito distante da antiga cidade catedral de Le Puy, contraiu varíola que o deixou quase cego (provavelmente em razão da cicatrização da córnea), condição que os médicos declararam incurável. Isso tornava impossível seu desejo de ser sacerdote. Em 1809, foi em peregrinação a Nossa Senhora de Le Puy e umedeceu os olhos com o azeite de uma lâmpada que ardia diante da sua imagem. Imediatamente pode ver perfeitamente, até mesmo os menores objetos da Catedral e, desde então, nunca mais voltou a ter problemas de visão. Em 1810, diante da mesma imagem milagrosa, prometeu à Santíssima Virgem “de entregar-se por completo a Ela, de fazer tudo o que Ela quisesse, para a glória de Nosso Senhor, para sua honra e pela salvação das almas”. Pensava todo o tempo em ser sacerdote, em ocupar-se com a realização desse tríplice voto, pelo exercício do ministério sacerdotal.

Em 1812, ao renovar a promessa feita a Maria ao pé do mesmo altar, “ouviu, não com os ouvidos corporais, mas com aqueles do coração, interiormente, mas com toda a clareza”, as seguintes palavras: *Eis... o que desejo. Assim como em tudo imitei sempre meu divino Filho, e o segui até o Calvário, permanecendo de pé junto à cruz, quando Ele entregava sua vida pela salvação dos homens, agora que estou na glória com Ele, eu o imito no que fez na terra por sua Igreja de que sou protetora, e como exército poderoso para a defesa e a salvação das almas. Assim como nos tempos de uma terrível heresia, que deveria transtornar toda a Igreja, Ele suscitou o seu servo Inácio para formar uma sociedade que levou seu nome, denominando-se Sociedade de Jesus e os que a compunham, Jesuítas, com o objetivo de lutar contra o inferno que se desencadeava contra a Igreja de meu divino Filho, do mesmo modo quero agora – e essa é a vontade de meu adorável Filho – que nestes tempos de impiedade e de incredulidade haja também uma sociedade a mim consagrada, que leve meu nome e se chame Sociedade de Maria, e os que a integrem passem a chamar-se também Maristas, para combater contra o inferno...”*

Quando Courveille escreveu a Mayet, ele estava recordando uma experiência que ocorrera quarenta anos antes e tinha sido forte e inesquecível. Por outro lado, não devemos estranhar se o que ele escreve para Mayet é, em parte, um texto mais elaborado do que uma simples lembrança. Nesse tempo, suas leituras de Santa Teresa lhe forneceram expressões capazes de descrever a experiência como “algo ouvido interiormente, porém com muita clareza”. Algo semelhante também pode ser verdadeiro pelo conteúdo e pela estrutura do que ele “tinha ouvido”. Em seu relato a Mayet encontramos o paralelismo entre a Companhia de Jesus e a Sociedade de Maria que havia impactado Terrailon. Entretanto, como vai contar este último, o paralelo era simbolizado pelos dois altares de Jesus e de Maria, lado a lado. O paralelo no que Courveille escreve em 1852, recorda o “piedoso pensamento” de Bochart, com sua referência a Santo Inácio e aos jesuítas na época da Reforma e sua convicção de que, em uma nova situação, igualmente dramática para a Igreja, Deus suscitaria uma nova Sociedade. Courveille introduziu uma nota adicional. Por detrás do paralelismo entre as duas sociedades, encontra-se a “constante imitação” de Maria que segue Jesus em tudo.

Maria estava com Jesus no Calvário, quando Ele dava sua vida pela humanidade; agora, que Ela está com Ele na glória, Ela imita tudo o que Ele faz na terra para sua Igreja. Então, bem entendido, assim como há Página 13 de 27 uma Sociedade de Jesus, haveria uma Sociedade de Maria, para a qual a hora providencial eram “esses últimos tempos de impiedade e de incredulidade”.

A escatologia está, pois, presente, embora não de modo destacado, no relato que Courveille faz do que “ouvira” de Maria. A escatologia era também um eixo de uma expressão misteriosa que João Cláudio Colin repetirá com frequência nos anos seguintes. No final de 1837 – mais de vinte anos depois que Colin havia deixado Santo Irineu – Mayet escrevi as seguintes palavras de Colin:

“A Santíssima Virgem disse: “Fui o sustentáculo da Igreja nascente, e sê-lo-ei também no final dos tempos.”

Ele repetiu essas ou outras palavras semelhantes por diversas vezes e uma vez acrescentou: “Estas palavras presidiram o início da Sociedade”. Ele as atribuiu de modo um tanto misterioso “a um sacerdote”, sem dúvida João Cláudio Courveille (que, naquela época, nunca era citado na Sociedade que havia fundado). Essas palavras, tantas vezes repetidas por Colin, eram a maneira como recordava o que Courveille havia dito ao grupo, em Santo Irineu, sobre a revelação que recebera em Le Puy. Colin havia reduzido a declaração maior e mais difusa à outra, mais singela, penetrante, quase poética – e fácil de lembrar. Em outras palavras, ele a transformara em um ‘ditado’, uma unidade da tradição.

Um elemento importante da frase citada por Colin continua, porém, sem explicação, e é o papel de Maria na Igreja nascente. É muito difícil relacionar isso com o que quer que seja, no relato feito por Courveille da declaração de 1812 – a menos que não suponhamos que Colin tenha entendido que o Calvário – onde Maria esteve presente –, fora o lugar do nascimento da Igreja. Que a Igreja nasceu no Calvário é, com efeito, uma ideia encontrada em alguns Padres da Igreja; e Colin poderia saber disso. No entanto, ele nunca se referiu explicitamente a essa noção. Por outro lado, o papel de Maria na Igreja nascente, após a Ascensão de Jesus, converteu-se em importante fonte de inspiração para Colin, em sua contemplação da Sociedade de Maria.

2. A Fórmula de Compromisso

O ano escolar de 1815-1816 chegara ao fim. Isso colocava diante de um bom número de aspirantes maristas não apenas o objetivo da ordenação sacerdotal, mas também a perspectiva de uma dispersão, pois cada um assumiria sua primeira nomeação pastoral. Animaram-se com o pensamento de que voltariam a reunir-se para estabelecer a Sociedade de Maria, em Le Puy, onde ocorrera a primeira ideia da Sociedade e onde esperavam ser bem recebidos.

O grupo também decidiu elaborar uma ata de compromisso que todos assinariam, prometendo “continuar essa obra com todas as suas forças”. Mas nem todos os que até aquela hora haviam pertencido ao grupo assinaram o documento. Três abandonaram o projeto. Lamentavelmente, não há registro dos nomes dos signatários. Faziam parte, com certeza, o próprio Courveille e seus primeiros recrutas, Déclas, Terraillon, Champagnat e João Cláudio Colin. Este recordará que eram doze os assinantes. Embora o número de doze fosse um tanto fortuito, Colin não deixou de observar que este era o mesmo número dos Apóstolos: no futuro, frequentemente ele chamaria a atenção sobre as semelhanças entre o início da Sociedade e o da Igreja.

Há quatro exemplares desse compromisso. Parecem “formulários em branco”, sem data e sem assinaturas, que os novos membros, supostamente, deveriam preencher no momento de se unirem ao grupo original. O texto está redigido na primeira pessoa do plural - “Nós”. Seus autores se identificam formalmente como “Nós, abaixo assinados”, o que indicaria que o texto era um documento que seria assinado, e não lido em voz alta (onde se esperaria algo como “Nós, aqui reunidos”). O fato de estar redigido em latim, junto com a utilização de uma série de expressões formais e enfáticas, denota o desejo dos aspirantes Maristas de lhe conferir o mais elevado grau de solenidade de que eram capazes. Ao mesmo tempo, o documento revela – inclusive por sua insistência – que seus autores não agiram “apressadamente ou como crianças”, mas “seriamente, após terem refletido com maturidade e terem pedido conselho”; que ainda eram jovens e poderiam ser acusados de precipitação e imprudência. A entrega que faziam de si não era, entretanto, um voto ou, melhor falando, um ato de consagração, mas uma declaração de intenções.

O formulário começa “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, e continua: *Omnia ad majorem Dei gloriam et Mariae Genetricis Domini Jesu honorem* – Tudo para a “maior glória de Deus e para a honra de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Os autores declaram sua “sincera intenção e a firme vontade de se consagrarem, tão logo que for oportuno, à fundação da mui piedosa congregação dos Maristas” (a forma original do nome).

O uso do termo “Congregação” implica em que eles tinham em mente algo mais do que uma simples associação ou sociedade diocesana. Essa intenção foi confirmada por sua promessa de fidelidade a Cristo “no seio de nossa Mãe, a santa Igreja católica romana, apegando-nos com todas as nossas forças ao santo chefe dessa mesma Igreja, o romano Pontífice, e também ao nosso reverendíssimo Bispo Ordinário”. Mais do que uma simples afirmação do primado do Papa, esse texto, sem dúvida, implica a intenção de pedir a aprovação de Roma para a

“Congregação dos Maristas” que, deveria, pois, ter grande leque de ação. Sua própria entrega era total, incluindo mesmo o martírio. Estavam persuadidos de que, “sob o governo pacífico e religioso de nosso rei muito cristão”, a Sociedade veria proximamente seu nascimento. No contexto de 1816, o texto expressa a esperança de que a Sociedade seria logo mais estabelecida, sob o reinado recentemente instaurado de Luís XVIII, que recebera o título de “Rei muito cristão”, título tradicionalmente atribuído aos reis da França. As alusões à paz e à religião marcam forte contraste com os últimos anos de Napoleão, marcados por guerras constantes e maus tratos ao Papa. Havia também uma profecia – muitas vezes mencionada ou lembrada nos anos seguintes – que os animava a esperar que a Sociedade viesse à luz, sob os auspícios do “cristianíssimo Rei”. Os jovens não especificaram a que obras apostólicas ou trabalhos se dedicariam, mas prometiam de “dedicar-nos, com tudo o que temos, à salvação das almas, sob o nome augusto da Virgem Maria e sob sua proteção”. Concluíam com uma cláusula, sugerida talvez por seu protetor Cholleton, de que deixavam tudo ao melhor juízo dos superiores.

3. Fourvière e além

No dia 22 de julho de 1816, segunda-feira, festa de Santa Maria Madalena, na capela de Santo Irineu, Dom Louis-Guillaume Dubourg, bispo de Nova Orleans, com cartas dimissórias emitidas em nome do arcebispo de Lyon, o cardeal Fesch, então exilado em Roma (era tio de Napoleão), conferiu a ordenação sacerdotal a cinquenta e dois candidatos, incluindo Marcelino Champagnat, João Cláudio Colin, João Cláudio Courveille, Étienne Déclas e Étienne Terrailon. Assim chegavam ao final de muitos anos de estudo e formação. O irmão mais velho de João Cláudio Colin, Pedro, sacerdote desde 1810, ficara em Santo Irineu durante alguns dias antes da ordenação de seu irmão, mas já havia partido no sábado, 20 de julho, retornando à sua paróquia para o domingo.

No dia 23 de julho, terça-feira, viu os doze aspirantes Maristas em Fourvière (*Forum Vetus*), o local da cidade romana e pré-romana celta de Lugdunum. Ali havia uma pequena capela, um antigo Santuário de Nossa Senhora, recentemente restaurado como lugar de peregrinação. Esse santuário foi cenário de numerosos atos de dedicação por parte de fundadores religiosos, missionários de partida e muitas outras pessoas, como atestam as placas e ex-votos que cobrem suas paredes. Hoje tem sua visão encoberta pela enorme Basílica construída entre 1872 e 1884. No altar da venerada imagem da Virgem, apenas Courveille celebrou sua primeira missa. Os demais recém-ordenados desejavam celebrar sua primeira missa em suas paróquias. Terrailon, que tinha melhor conhecimento das cerimônias, os ajudou.

Todos receberam a comunhão das mãos de Courveille. Trouxeram consigo o ato de compromisso que todos haviam assinado. (Esse documento original, com suas assinaturas, infelizmente desapareceu). Durante a missa ele foi colocado sobre o altar sob o corporal, unindo assim seu compromisso com o sacrifício de Cristo. Teriam lido a Fórmula de Compromisso após a missa? É possível, mas isso não ficou registrado nos relatos da época que descrevem o que foi feito.

Depois, cada um seguiu seu caminho. Marcelino Champagnat foi nomeado coadjutor em La Valla, onde, em 1817, reuniu os primeiros Irmãos Maristas. João Cláudio Colin foi nomeado coadjutor em Cerdon, onde seu irmão Pedro fora nomeado pároco. Pedro aderiu ao projeto marista e trouxe a Cerdon Jeanne-Marie Chavoïn e sua companheira Marie Jotillon, que assentaram as bases das Irmãs Maristas. Logo souberam do projeto marista mais amplo e da promessa tão solenemente reafirmada em Fourvière. Em 1824, foi permitido que Étienne Déclas se unisse aos irmãos Colin em Cerdon, formando assim a primeira comunidade de Padres Maristas. De Cerdon, João Cláudio Colin e Déclas começaram a pregar as missões paroquiais. Nos anos seguintes, formaram-se grupos de leigas terciárias, que deram origem, mais tarde, às Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria.

Foi assim que a Sociedade de Maria com diversos ramos, prevista pelos seminaristas de Santo Irineu, e que fora objeto de seu ato de compromisso, formulado em Fourvière, em 23 de julho de 1816, progressivamente tomou forma. Caberia ao tempo dizer qual seria seu futuro.

REFLEXÃO

François Drouilly, sm

No dia 23 de julho de 1816, doze jovens apenas saídos do Seminário, alguns deles sacerdotes ordenados no dia anterior, decidiram subir à capela de Fourvière. Todos foram testemunhas e, às vezes vítimas, da devastação revolucionária em seu país e na Igreja. Não conseguem contentar-se com a simples constatação, menos ainda com uma avaliação das desgraças do tempo, e abater-se no desânimo. Sobrariam, porém, razões para isso!

Todavia, Deus está ali, tão presente hoje como antes e depois da Revolução. E não podem nem querer afastar-se de um lugar em que Deus está presente. Tomaram sua decisão. É preciso arregaçar as mangas, meter-se no trabalho, inventar, fazer algo diferente, avançar. Tomam o propósito de se dedicarem “irrevogavelmente, com seriedade, como homens maduros”, dispostos a tudo, incluindo “os sofrimentos”, para “salvar almas”, em nome de Maria.

Não há garantia de êxito. Trata-se de iniciar. É preciso ir aonde Deus se encontra. Atrevem-se a viver essa aventura, com Maria.

Aconteceu, há duzentos anos, em Fourvière.

Comovem-nos o texto e a atitude. Ainda mais quando se conhecem as dificuldades de todo tipo que deveriam enfrentar, mais adiante, para “cumprir sua promessa”.

O que faremos com esse aniversário? Uma comemoração dos fundadores? Uma evocação histórica? Uma “edificante página” da epopeia marista?

Hoje, a promessa deles nos compromete? Nós, homens e mulheres, religiosos, leigos que nos consideramos e queremos ser maristas. O compromisso que assumiram, faz dois séculos, pode ainda ser o nosso? Se assim é, como seria? Atualmente, o que nos diz esse compromisso?

A **primeira sensação** é a da distância entre o acontecimento e nós mesmos. Muitas coisas mudaram. Já faz muito tempo que a Sociedade de Maria não conta mais com “o governo do cristianíssimo Rei, amigo da paz e da religião”, para realizar sua missão! Inclusive, a gente pode perguntar-se sobre a conveniência dessa expressão. Sem dúvida, o acontecimento é comovedor, nos concerne como a recordação de um evento familiar. Mas é chegado o

momento de fechar o álbum de fotos amareladas e voltar às coisas sérias, aos “problemas” de nosso tempo. Olhamos ao redor de nós e vemos que a Igreja, no mundo do século XXI, está longe da Igreja e do mundo de nossos antepassados.

E, no entanto...

“Comprometemo-nos solenemente”...

Que audácia! Ou que ingenuidade? “Salvar almas... por todos os meios”? Mas como? ... O compromisso é simples: "comprometemo-nos, irrevogavelmente, nós com tudo o que é nosso, na medida de nossas possibilidades."

Somos, hoje, capazes de fazer uma promessa? E eles, os pioneiros, eram capazes?

Para eles como para nós, a única garantia da promessa é a entrega que fazem de si mesmos, sem a certeza do que chegariam a ser e do que seriam capazes. É uma afirmação muito forte para o presente; uma incerteza igualmente forte para o futuro: apenas, não será como o presente.

Desde o princípio, esses nossos irmãos maiores nos mostram um caminho: aberto ao que acontecer, mas sem saber o que virá. Sem outra garantia além da fidelidade pessoal e coletiva. E uma confiança sem limites. Não podem garantir nada. Ignoram como será o amanhã. Não sabem sequer o que será deles, amanhã. O que fazem em Fourvière é dar um salto no desconhecido: desconhecem o que vão comprometer; desconhecem em que vão converter-se. Prometem o que não possuem. Estão longe de um “projeto profissional”. É antes uma aposta no desconhecido... e convidam-nos a dar o mesmo passo, igualmente azarento.

“Como será isso?” Como fazer esse tipo de aposta? Como evitar a irresponsabilidade? Como fazer esse salto para um futuro desconhecido, e sem paraquedas?!

O que torna fortes esses pioneiros, o que justifica o dom que fazem de si mesmos é o amor e a confiança que o amor confere. O amor de Deus, da vida... Há muita semelhança entre este compromisso e aquele que o homem e a mulher podem assumir juntos, sem saber em que se converterão. Trata-se de uma mesma loucura: nela, entregamo-nos, entregamos o que ainda não temos e o que ainda não somos. Para o presente e o futuro. Sem garantia de poder retroceder, apenas na confiança. “A glória de Deus e a honra de Maria” parecem ser garantias suficientes para esses pioneiros arriscarem suas vidas. Afinal, eles conhecem como nós estas

palavras de Jesus: “Vim para que os homens tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Eles amam e creem na vida: isto lhes basta para se atreverem à aventura.

Talvez, o que torna possível sua aposta é a certeza da forte relação com Deus no qual creem. Tudo podem naquele que os fortalece.

“Nós, nos, nosso...” Esta sequência de pronomes no plural chama nossa atenção! Os termos da promessa se apoiam na sólida base do grupo. Não há diferença entre eles: um grupo que fala uníssono e onde cada um encontra a fonte e a confiança em sua palavra pessoal. Um filósofo expressou isso de forma muito bonita: “É somente no contínuo encontro com outras pessoas que a pessoa se converte e continua sendo uma pessoa. O lugar desse acontecimento é a comunidade” (Paul Tillich, "El coraje de ser", p.119 - 120).

O que conjuntamente se promete de modo conjunto deve cumprir-se. Desde o começo, sabemos das dificuldades em suas reuniões, da dispersão geográfica, do abandono de dois terços dos signatários, das relações difíceis nas dioceses e nas comunidades, das divergências de opinião sobre o projeto e dos esforços que fizeram para encontrar-se... sem mencionar as relações, às vezes difíceis, entre as pessoas.

Já sabemos por experiência quanto esse “juntos” é importante para cumprir a promessa. Ele nos une além da distância, dos compromissos, além dos membros da ‘família’. Une-nos aos colegas do passado: lembramos aquelas e aqueles que nos disseram, com frequência sem palavras, apenas com sua vida, o que era uma vida marista, e nos deram vontade de vivê-la – sabemos quanto lhes devemos. Ele nos une aos mais jovens do que nós. “A verdade religiosa não se capitaliza. Apenas se pode partilhar: e se compartilha”, escreveu Michel de Certeau, sj, em "La debilidad de creer", p. 10. Tem-se a impressão que os primeiros religiosos maristas viveram isso ao interpretarem a promessa, colocando sob cada palavra alguns sucessos, algumas maneiras de viver que lhes pareciam de acordo com seu compromisso. Descobriram, aprofundaram, inventaram, formularam uma maneira de viver e de se comprometer. Uniram-se através de sua atitude e de sua promessa. Não o fizeram em nosso lugar. Propuseram-no a outros, livremente. Parece que eram suficientemente fortes para convencer a mais de um a unir-se a eles.

Cabe a nós continuar a viagem. Evidentemente, medimos, ao longo dos dias, a importância da confiança mútua, em nossas comunidades para permanecermos juntos, para avançarmos na vida marista, para realizarmos nossa missão, para inventarmos, hoje, modalidades para animar-nos na fé.

"E a Virgem se chamava Maria."



Os signatários do compromisso não regateiam ao usar o nome de Maria, a honra de Maria, a Mãe do Senhor Jesus, o nome muito augusto da Virgem Maria e, finalmente, ... o nome de maristas com essa insistência incoerente sobre a ortografia: “é preciso pôr os pingos nos is”, como dizemos em português, e quando se trata de insistir e de não duvidar sobre a pertença!

É fácil atribuir este fervor explosivo ao "ambiente da época". E ao mesmo tempo relativizá-la. Há na França, nessa época, dúzias de congregações masculinas e femininas com o nome de Maria. Esse nome era, então, uma ‘marca’ religiosa na moda, a ponto de fazer desse século “o século de Maria”? No entanto, era realmente tão simples?

Essa referência persistente vem muito estreitamente vinculada ao projeto dos fundadores. Não se trata aqui de mencionar as obras, as atividades desse futuro grupo. Ainda não se fala de educação, de catecismo ou de missão até as fronteiras do mundo, ou de cuidar dos enfermos. Não; por ora, não é apenas questão de uma família que leve o nome de Maria e que vai trabalhar para sua honra, sob sua proteção.

Este texto que pode parecer algo tosco, um pouco pesado, nos indica simplesmente o exclusivo caminho a seguir: o de Maria. O único patrocínio a invocar: o de Maria; a única maneira de atuar: a de Maria.

Desde 1816, muitas coisas foram escritas a esse respeito.

Este trabalho de identificação com Maria não é o de um momento particular, de um período de educação inicial e permanente, de um retiro anual, e muito menos uma declaração inicial. É um trabalho que se inscreve na vida cotidiana, na comunidade, nos compromissos pastorais e profissionais de cada um. Uma carta do Superior geral, em 2010, recordou-nos que devemos “abraçar plenamente nossa identidade marista”.

Os companheiros de Fourvière optaram por tomar o nome de Maria e no-lo transmitir: cabe a nós ver como entendemos essa eleição e como a constituímos nossa prioridade, e como a implementamos. O nome que se adota diz algo de essencial sobre a pessoa e o grupo a que se refere. Percebemos bem o que está por trás do nome do “Poverello de Assis”: um religioso

franciscano disse algo sobre a pobreza, a proximidade e o respeito pela natureza. Assim também se espera verdadeira caridade dos discípulos de São Vicente de Paulo.

Esses nomes dispensam explicações sobre os compromissos daqueles que os levam. Usar o nome de Maria é tanto referência a uma origem como a uma responsabilidade pessoal e coletiva de justificar a decisão por esta nossa forma de vida.

E agora... ?



2015|2016
Fourvière

O que fazemos com esta evocação?

Admirar a generosidade desses jovens fundadores?

Cair no pessimismo. Onde está o entusiasmo, hoje? O que resta desse bonito projeto?

Olhar para trás é correr o risco de apegar-se a um passado que desapareceu.

Fazer comparações sombrias? Olhem o que fizeram, que audácia, que êxitos, que aventuras! Vejam como atraíram os jovens, em grande número, as obras, todas as missões que fundaram... e nós? Onde estamos? Fechamentos... envelhecimento... tristeza... somos anões ao lado de gigantes! Desconfiemos dessas visões em branco e preto.

Não tomemos os primeiros Maristas pelo que não são: super-homens. Foram pessoas simples e sua espontaneidade fortalece ainda mais as palavras que nos deixaram. Abandonemos essa comparação que sempre põe o presente em inferioridade, comparado com o tempo das origens que imaginamos mais perfeito, mais bem-sucedido do que o nosso. Em suma, apenas seríamos pálidas cópias desses verdadeiros maristas de 1816.

Fiquemos com o que nos legaram de mais preciso: o começo. Sua herança, sua promessa, sua determinação em cumprir o projeto de Deus e sua confiança em Deus: tudo isso nos mantém. Não podemos fazer como se não houvesse passado nada. Jamais se pode pôr fim à origem porque é o que nos constitui. Antes agarremo-nos nesta palavra: o princípio! Tudo o mais é passado, passado venerável, mas finalmente passado. Honrar esses primeiros irmãos nossos é atrever-nos também nós, depois deles, a começar a Sociedade de Maria. Sabendo onde viemos, poderemos melhor orientar-nos e decidir aonde queremos ir. Esses primeiros maristas

não nos traçaram o caminho, antecipadamente: convidam-nos a inventá-lo, a continuar a história começada.

Temos que começar. Não apenas repetir, não apenas atualizar ou adaptar ao sabor de hoje. Há frescor num início; mas nós vemos mais bem, ao nosso redor, o desgaste, a incerteza, o cansaço.

Não se trata de um início ou de um reinício e sim, de um começo. Nunca acabamos de começar como nunca acabamos de querer. Todo o mundo sabe: “te amo” rima com “sempre”! E “sempre”, com “cada dia”! (na linguagem do amor.) Nossos antepassados nos deram – não digamos impuseram – um programa. Deram-nos um sentido. Não basta pendurar o formulário de Fourvière na parede de nosso quarto ou da sala comunitária. Começar já não é fazer contas; é fazer como Abraão, de quem um autor cristão disse que partiu sem saber aonde ia; e é por isso que ia no rumo certo!

A promessa de Fourvière, de algum modo, está diante de nós; não detrás. Temos que fazê-la com nossas palavras. Cabe-nos descobrir a verdade, a fecundidade que possui para nós, hoje.

Não sabemos o que nos reserva o futuro: os primeiros tampouco o sabiam.

Não sabemos o que será cada um de nós, nos anos vindouros. Tampouco sabiam-no os primeiros. O que sabemos, o que cremos é que precisamos – como eles – deixar-nos configurar por Maria. Devemos ir aos outros amando-os, amando a Vida. Nosso compromisso, juntos, em corpo e ama, será o melhor modo de honrar a promessa de Fourvière.

Não se trata de chegar, mas de partir!